

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**RELACIONAMENTO ABUSIVO: OS
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM
MULHERES**

**ABUSIVE RELATIONSHIP:
PSYCHOSOCIAL IMPACTS ON WOMEN**

Jhulia Soares CIRQUEIRA
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail:
jhulia.s.cirqueira@catolicaorione.edu.br

Jordana Carmo de SOUSA
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: jordana@catolicaorione.edu.br



RESUMO

Este artigo tem como proposta a compreensão acerca da vivência dos relacionamentos abusivos em mulheres, cujo fator de adoecimento relaciona-se com os impactos psicossociais. Deste modo, é válido ressaltar a violência psicológica como um dos principais impactos de sofrimento psicológico. Contudo, este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica e exploratória e de natureza básica acerca do papel do psicólogo frente aos impactos psicoemocionais e as estratégias de acolhimento para com a pessoa, através de um levantamento bibliográfico dos relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Psicologia. Violência psicológica. Relacionamento abusivo.

ABSTRACT

This article proposes to understand about the experience of abusive relationships in women, whose illness factor is related to the psychosocial impacts. Thus, it is valid to emphasize psychological violence as one of the main impacts of psychological suffering. However, this work consists of a bibliographical and exploratory review about the role of the psychologist in the face of the impacts on the reception strategies towards the person, through a bibliographic survey of abusive relationships.

Keywords: Psychology. Psychological violence. Abusive relationship.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho consiste na revisão bibliográfica acerca dos fundamentos psicológicos na intervenção de acolhimento das mulheres vítimas de abuso psicológico, ressaltando assim a sua subjetividade frente a este adoecimento psíquico, sobre os fatores de manutenção e os impactos psicossociais experienciados por mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), a violência, em suas diferentes maneiras de se apresentar, são um dos principais empecilhos ao empoderamento feminino. De acordo com a ONU, as violências enfrentadas por mulheres são facilmente

explicadas quando levado em consideração o machismo estrutural da sociedade. A violência contra a mulher é, portanto, sócio histórico e cultural.

A cultura do machismo, que há anos influencia na manutenção e nas formas dos relacionamentos afetivos, contribui com a existência dos modos de relacionar abusivos, contribuindo, portanto, com a manutenção de relacionamentos abusivos (MAIA, 2017).

Como mencionado, os relacionamentos abusivos são acentuados a partir de uma construção histórica pautada no patriarcalismo. Isso faz com que haja desigualdades de gênero e classifica as posições entendidas como masculinas e femininas. Junto a isso, muitas mulheres não possuem conhecimentos sobre relacionamentos abusivos, ou sentem que não possuem apoio (seja ele econômico, social ou legal) para saírem de tal situação. Atualmente, devido a sua extensão, a violência contra a mulher é classificada como um problema de saúde pública (CRUZ et al, 2018).

Conforme Maia (2017) os relacionamentos abusivos são uma violação aos direitos humanos, na medida em que se constituem como propensos a diversos tipos de violência, e à agressão à saúde da mulher, uma vez que, além da possibilidade de abusos físicos, são danosos à saúde psicológica e seu bem-estar psicossocial.

Sabe-se que, em nossa sociedade atual, há um crescente debate sobre relacionamentos abusivos. Nesse tipo de relação à violência é algo presente, e ela se demonstra em suas diversas naturezas, comportando fatores físicos, psicológicos, sexuais, socioculturais, econômicos e jurídicos. A vivência da violência pode causar impacto na vida do sujeito que vive. Mediante isso, torna-se necessário a análise dos impactos psicossociais experienciados por mulheres que vivenciam ou vivenciaram um relacionamento abusivo.

Conforme aponta a literatura, a violência no relacionamento emerge como uma alternativa perante as relações de poder. Nessa dinâmica de poder, o abusador tem sobre o abusado a visão dele como seu objeto (BARRETO, 2018).

Para o senso comum, a violência está diretamente ligada à agressão física. Entretanto, existem outras naturezas que não são muito contempladas no reconhecimento da sociedade, mas são também formas de violência que estão muito presentes em relacionamentos abusivos, como a violência psicológica, patrimonial, sexual e moral. Com isso, por vezes, mulheres que estão em um relacionamento abusivo não se percebem presentes nessa relação, por não possuírem conhecimento de que a violência não é somente agressão física.

Segundo Barreto (2018), os relacionamentos abusivos iniciam-se sutilmente e vão, aos poucos, ganhando força e passando a ser cada vez mais violento. Ainda segundo a mesma, nesse tipo de relacionamento há excesso de poder, controle e ciúmes, que geram um sentimento de possessividade e de objetificação do outro sujeito da relação (BARRETO, 2018).

Mediante exposto, torna-se de extrema relevância o estudo de assuntos que abordem os sinais presentes de um relacionamento abusivo, uma vez, ainda, que algumas atitudes abusivas são socialmente naturalizadas e tidas como aceitas, ou de pouca relevância para a situação.

Miranda (2014) traz à tona a existência de um ciclo de violência experienciado por mulheres em um relacionamento, sendo este o ciclo de violência doméstica. Nele, há um conjunto de fases em que, no fim do ciclo, ou o sujeito toma consciência do tipo de relação que está enfrentando, rompendo com o ciclo, ou reinicia-se as fases. Um dos principais fatores mantenedores desse tipo de relação são os estabelecimentos do vínculo emocional. O abusador promete mudar com os comportamentos agressivos, e a vítima, que pode até estar ciente do relacionamento abusivo, acredita nas promessas do parceiro, que por sua vez, passa a ter comportamentos sensíveis e românticos, configurando-se, assim, na fase da lua de mel, com um discurso que envolve jogo emocional (BARRETO, 2018).

Juntamente ao jogo emocional, o abusador mantém comportamentos manipuladores, inferiorizando a vítima e a distanciando de seus vínculos sociais. Com o distanciamento da rede de apoio, a pessoa sente-se sozinha e há uma falta de confiança em si e dificuldade de reconhecer a situação em que se encontra e com medo de pedir ajuda. Encontra-se, também, uma tendência a se culpabilizar por não conseguir romper com o ciclo.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, a presente pesquisa se caracteriza como qualitativa de natureza bibliográfica.

Configura-se como pesquisa qualitativa, pois visou estudar subjetivamente os impactos psicossociais e os fatores de manutenção presentes em relacionamentos abusivos, compreendendo as vivências singulares das mulheres que passaram por tal tipo de violência.

De acordo com os seus objetivos, a pesquisa é exploratória. Visando, como seu alcance, apurar informações sobre um determinado objeto de estudo, adquirindo novas informações sobre ele.

Em relação à sua natureza, a pesquisa é classificada como básica, pois apresenta como objetivo gerar novos conhecimentos úteis para a ciência, sem uma aplicação prática prevista.

As buscas foram realizadas em duas bases de dados, sendo elas: *Pepsic* e *Scielo*. Os termos escolhidos para a busca dos artigos foram: “relacionamento abusivo”, “fatores de manutenção” e “impactos psicossociais”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Violência Psicológica e Seus Impactos

A violência psicológica é silenciosa, sendo esta de difícil identificação em nossa sociedade. Diante deste cenário, a mesma deixa seus impactos nas vítimas de diversas maneiras, variando de vítima para vítima.

Para Rossetto et al, 2020, p. 03:

Estas marcas psicológicas são invisíveis e se torna sutil ao ponto de a mulher não conseguir identificá-la como sendo uma violência, embora ela destrua aos poucos o seu bem-estar e autoestima, criando confusão e sentimento de incapacidade e inferioridade.

Marcas estas, que podem paralisar a mulher a prosseguir no seu dia a dia, bem como diminuir a sua autoestima ou até mesmo de adentrar em um novo relacionamento.

No Art. 7 da Lei Maria da Penha:

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (LEI Nº 11.340, de 2006, s/p).

Tal violência surge de uma relação afetiva que a mulher vivencia abuso nesta relação, com controle do seu próprio corpo, com ameaças físicas e psicológicas. A mesma é entendida como violência, a partir do momento que seu bem-estar, a sua história de vida,

os seus desejos e vontades não são mais sua (da mulher) e sim passa a ser o controle do seu parceiro.

Desta forma, é necessário e de extrema importância a intervenção do psicólogo neste contexto, com mecanismos, e ferramentas em prol da promoção do bem-estar psicológico, e muitas vezes o resgate da subjetividade das vítimas, o acolhimento sem julgamentos.

Aspectos Psicológicos da Vítima

Na conjunção atual, nos estudos foi possível observar que um dos principais aspectos deixado nas vítimas, ainda é invisível, por se tratar de uma violência psicológica, que é de difícil identificação, pois as marcas são emocionais e não físicas.

Para a autora Lobo (2020), em seu livro para todos que sofrem relacionamento abusivo, aponta que, muitas vezes uma ofensa que sai em palavras acaba causando lágrimas nas vítimas, lágrimas essas que são doídas em quem as recebe, e em outras embora chegue a machucar, passa de maneira despercebida, infelizmente naturalizada em atitudes cotidianas.

Há uma construção social que precisa ser rompida, o sofrimento psicológico também é uma dor, pois o mesmo vincula-se a um problema emocional. Mudando literalmente a vida e a realidade das vítimas, que muitas vezes passa a aceitar a agressão, o choro, a até mesmo a dor por ser normalizado pela sociedade.

Dessa forma, diante do parágrafo acima é possível observar a presença de um sofrimento psíquico que não é correspondido historicamente e que reflete na vida das vítimas desde sempre, e que embora haja lei e medidas cabíveis para o abusador, há a presença do medo e normalização do sofrimento emocional, como o próprio ditado popular de *engolir o choro*, e internalizar que o mesmo irá passar, anulando a própria dor.

Aponta Rossetto et al, 2020, p. 03:

Em sua totalidade, a violência ela afeta de forma bidimensional, uma vez que, acontece de maneira interna e externa. Na qual, a saúde mental fica cada vez mais comprometida, advindo muitas vezes de diversos traumas, ansiedade e possíveis transtornos.

O abuso acaba virando um ciclo, sem chegar ao fim do término da relação com o abusador ou até mesmo de romper ou curar com o sofrimento da vítima.

A Atuação Do Psicólogo No Contexto Com Demandas De Violência Psicológica

As vítimas, que são as mulheres conviveram ou ainda convivem com o agressor, partindo muitas vezes de uma óptica de amá-lo e ainda não perceber a violência sofrida. Dessa forma, se faz necessário o auxílio do psicólogo neste momento, a fim de criar os mecanismos para que a realidade venha a ser modificada.

O psicólogo é de fundamental importância diante do cenário das vítimas que sofrem a violência psicológica, cabe ao mesmo levantar as demandas e os sofrimentos que foram ocasionados pela violência.

Demandas essas, que acabam afetando as relações pessoais e interpessoais das vítimas em virtude da agressão psicológica. Havendo a necessidade da intervenção do psicólogo, promovendo medidas e ações que minimizem o sofrimento da vítima abusada.

Fazendo-se o uso de estratégias individuais para serem trabalhadas durante o processo de terapia, bem como, o resgate da autonomia, da autoestima, trabalhando assim os aspectos e laços que antes eram prazerosos.

De acordo com o código de ética profissional dos psicólogos, do Art. 9º – É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional.

Nesta óptica, cabe ao psicólogo respeitar o sigilo da paciente vítima de violência, e a compreensão acerca das causas internas, trabalhando o que lhe causa sofrimento a partir de uma escuta livre. Compreendo o contexto cuja vítima está inserida, e o entendimento da sua subjetividade e totalidade, dedicando-se ao resgate da autonomia e do eu, para que possa voltar a sua caminhada da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção deste artigo, é notório relatar com base nas literaturas supramencionadas a importância acerca desta temática, tendo sua relevância tanto para a psicologia, quanto para a sociedade, na qual enfatiza os aspectos emocionais, com ênfase na violência psicológica e o sofrimento psíquico advindo da violação do direito à mulher, direito básico este que está vinculado e sua subjetividade enquanto mulheres autônomas e donas do próprio eu.

A violência psicológica, ainda é de pouca divulgação na sociedade, muito ainda tem a se falar e desmistificar sobre a mesma, tendo em vista ainda que é um tabu falar desta violência.

A mesma é silenciosa, e de difícil identificação para a vítima, já que não se trata de uma violência física que deixa marcas no corpo, e sim que deixa marcas psicológicas, como uma ansiedade, a diminuição do eu e a perda do prazer pela vida.

Contudo, sendo um processo doloroso e de grande sofrimento para a vítima na qual se tem a perda da sua autonomia nos aspectos físicos e subjetivos em virtude dos relacionamentos abusivos. Ocorrendo assim, a elaboração de suas demandas a partir do suporte psicológico do profissional da psicologia. Profissional este, que trabalha juntamente com a paciente toda a sua trajetória de vida e o acompanhamento neste percurso de permanência no abuso e o entendimento acerca deste sofrimento.

Por fim, a partir da construção deste artigo nota-se a importância acerca da temática no que diz respeito principalmente sobre a violência psicológica, ainda há uma escassez quanto aos materiais para exploração. E o quão o mesmo tem importância para a sociedade, já que ainda é um tabu falar de relacionamento abusivo no que tange a violência psicológica, e quanto à intervenção psicológica para minimizar os impactos emocionais.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. In: **INTERCOM–SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO–Joinville-SC–2 a. 2018.**

BARRETTO, Raquel Silva. RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVERES AO PONTO FINA. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**. Resolução n.º 10/05, 2005.

CRUZ, Juliana Maria et al. Relacionamento abusivo: O silêncio dentro do lar. **Anais do Evinci-UniBrasil**, v. 4, n. 2, p. 434-446, 2018.

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim et al. A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo. 2018.

LAMANNO-ADAMO, Vera Lúcia C. Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 1999, v. 4, n. 1 [Acessado 5 Maio 2022], pp. 153-159. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100013>>. Epub 02 Ago 2006. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100013>. 1

Jhulia Soares CIRQUEIRA; Jordana Carmo de SOUSA. RELACIONAMENTO ABUSIVO: OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MULHERES. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. AGOSTO/OUTUBRO-2022. Ed. 39 - Vol. 3. Págs 256-263. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

BRASIL. **Lei nº 11.340/2006 de 07 de agosto de 2006** (Lei Maria da Penha). Brasília, DF: Senado Federal, 2006.

LIMA, G. Q.; WERLANG, B. S. G.. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 511-520, 2011.

LOBO, Amélia. **Para todos que sofrem relacionamento abusivos**, 2020.

MAIA, Laura Rodrigues. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; RAMOS, Juliana Souza. “Uma mulher é espancada”: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise. **Ecos-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 35-49, 2014.

ROSSETTO, Bruna Gonçalves. **Consequências da Violência Psicológica em Mulheres em Relacionamento Abusivo**, 2020.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole; VAZ, Paulo. A Invenção Do Relacionamento Abusivo: Sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. **LÍBERO**, n. 44, p. 122-135, 2019.